



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT-2 – Organização e representação do conhecimento

RELAÇÕES ENTRE OS CONCEITOS DE CLASSIFICAÇÃO E DE CATEGORIZAÇÃO: ALGUNS SUBSÍDIOS DA LITERATURA PERIÓDICA BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

RELATIONSHIPS BETWEEN THE CONCEPTS OF CLASSIFICATION AND CATEGORIZATION: SOME SUBSIDIES FROM THE BRAZILIAN PERIODICAL INFORMATION SCIENCE LITERATURE

Walter Moreira – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Os sistemas de organização do conhecimento são estruturados a partir da constituição de conceitos, categorias e classes em estruturas classificatórias. Categorização e classificação referem-se a conceitos fortemente inter-relacionados e, por vezes, sobrepostos, motivo pelo qual é sempre relevante revisitá-los em favor da precisão terminológica. Assim, o objetivo do trabalho é a) analisar o emprego dos conceitos “categorização” e “classificação” na literatura brasileira da ciência da informação e b) descrever o papel dos processos de categorização e de classificação na organização da estrutura classificatória dos sistemas de organização do conhecimento. Para tanto, utilizou-se como corpus documental um conjunto de artigos de periódicos indexados como Qualis A1 na área da ciência da informação. Aplicou-se uma escala para ranqueamento e definição do corpus de análise. Para a análise dos dados, aplicou-se a técnica da análise de conteúdo. Os resultados são discutidos a partir de inferências orientadas por quatro categorias de análise definidas *a posteriori*, a saber: definições, identificação, natureza e macrocategorias. Verificou-se que é possível caracterizar os conceitos “categoria” e “classe” pela maior amplitude semântica do primeiro em relação ao segundo. A categoria possui um maior grau de generalidade do que a classe, assim, é mais comum a inclusão da classe como componente das categorias do que o contrário. Fora do âmbito mais específico da ciência da informação e da ciência da computação, como na linguística cognitiva e na filosofia, observou-se que o termo categoria é mais utilizado, o que diminui a ambiguidade.

Palavras-Chave: Sistemas de organização do conhecimento. Classificação. Categorização.

Abstract: Knowledge organization systems are structured from the constitution of concepts, categories, and classes in classificatory structures. Categorization and classification both refer to concepts that are strongly interrelated and sometimes mixed up, therefore it is always relevant to revisit them in favor of terminological precision. Thus, the objective of this work is a) to analyze the use of the concepts "categorization" and "classification" in the Brazilian literature on information science and b) to describe the role of categorization and classification processes in the organization of the classificatory structure of knowledge organization systems. For this purpose, a set of articles from journals indexed as Capes Qualis A1 in the area of information science was used as a documental corpus. A scale was applied to rank and define the corpus of analysis. For data analysis, the technique of content analysis was applied. The results are discussed from inferences guided by four categories of analysis defined a posteriori, namely: definitions, identification, nature, and macro-categories. It was

found that it is possible to characterize the concepts “category” and “class” by the greater semantic range of the first in relation to the second. The category has a greater degree of generality than the class, so it is more common to include the class as a component of the categories than the other way around. Outside the more specific scope of information science and computer science, as in cognitive linguistics and philosophy, it was observed that the term category is more used, which reduces ambiguity.

Keywords: Knowledge organization systems. Classification. Categorization

1 INTRODUÇÃO

As estruturas conceituais disponibilizadas nos sistemas de organização do conhecimento (SOC), sendo representações, não são elementos dados de modo atemporal e independentes de contexto; são construções condicionadas por perspectivas intersubjetivas que incluem aspectos institucionais e outros de maior amplitude.

A seleção de um determinado conjunto de conceitos e a opção por um determinado modelo de organização conceitual em categorias e classes nos SOC, mesmo que tais ações sejam conscientemente flexíveis, implicam uma concepção que revela um posicionamento ontológico, isto é, uma determinada visão de mundo, um modo de compreender os elementos representados e suas relações. A conceituação de SOC apresentada por Mazzochi (2018, 2018, tradução livre), também publicada como verbete “knowledge organization systems” na ISKO Encyclopedia of Knowledge Organization (IEKO) é sumarizadora nesse aspecto:

um termo genérico usado para se referir a uma ampla gama de itens (por exemplo, listas de cabeçalhos de assuntos, tesouros, sistemas de classificação e ontologias) [...] caracterizados por diferentes estruturas e funções específicas, maneiras variadas de se relacionar com a tecnologia [...] projetados para apoiar a organização do conhecimento e da informação [...].

Requer-se, portanto, uma base ontológica aos SOC, pois todos eles demandam o mapeamento e a identificação de conceitos, quer isso ocorra no âmbito geral dos sistemas universais ou de fundamentação, quer seja no âmbito mais específico dos domínios ou das tarefas. Os SOC demandam, igualmente, o mapeamento e a definição das relações que são desejáveis à coerência do sistema conceitual que se pretende construir (MOREIRA, 2019).

As categorias, as classes, os conceitos e, do mesmo modo, as relações conceituais, sendo verbalmente registrados, produzem também relações linguísticas e requerem aportes da terminologia e da linguística, principalmente da semântica e da pragmática.

Tomando como corpus a literatura da ciência da informação, o problema que se coloca nesta pesquisa possui natureza conceitual, discutindo-se alguns empregos dos conceitos

“classificação” e “categorização” e o modo como se compreendem seus empregos na estruturação de SOC.

Considerando-se o exposto, apresentam-se os seguintes objetivos: a) analisar o emprego dos conceitos “categorização” e “classificação” a partir de um recorte na literatura brasileira da ciência da informação; b) discutir o papel dos processos de categorização e de classificação na organização da estrutura classificatória dos SOC.

2 CLASSIFICAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO: SOBREPOSIÇÕES

Teoricamente, o processo classificatório pode ser orientado por modelos que forneçam argumentos lógicos às ações de inclusão ou exclusão dos elementos nas diferentes classes. A objetividade e a imparcialidade plenas, contudo, ainda que já tenham sido idealmente perseguidas, são quimeras quando se lida com a representação da representação. A centralidade da discussão sobre categorização envolve refletir sobre como é possível compreender as coisas individuais como sendo, em algum aspecto, as mesmas, ainda que existam entre elas muitos outros aspectos diferentes.

Ainda que se configurem como termos na linguagem de especialidade da organização do conhecimento, os conceitos “categoria” e “classe”, bem como suas derivações, ainda não estão efetivamente resolvidos, apesar dos bons relatos de pesquisa sobre esses conceitos.

Um dos testes que revelam a existência de relações associativas entre dois conceitos consiste em detectar o emprego de um determinado conceito na definição de um outro. Isso ocorre de modo bastante comum entre os conceitos de “categoria” e “classe”. Uma busca pela associação direta entre os termos no Google™, em português, inglês e espanhol, utilizando-se a expressão “classes são categorias” e “categorias são classes” com restrição de arquivos ao tipo “pdf” fornece uma aproximação da questão (Tabela 1).

Tabela 1 - Associações entre “classe” e “categoria” em páginas web

Expressão	Resultados
<i>classes são categorias</i>	3.650
<i>classes are categories</i>	48.200
<i>clases son categorías</i>	5.240
<i>categorias são classes</i>	2.820
<i>categories are classes</i>	47.700
<i>categorías son clases</i>	3.070

Fonte: Elaborado pelo autor

Há, naturalmente, mais relações de proximidade do que de distanciamento entre os conceitos, o que também colaborara para a confusão terminológica. Além do mais, tais conceitos, como os demais, não são estáticos e não estão vinculados de modo exclusivo à ciência da informação e mesmo nela podem ser compreendidos em abordagens teóricas distintas.

A classificação é um procedimento deliberadamente construído com a finalidade de organizar um conjunto de entidades (JACOB, 2004). Desse modo, requer um conjunto específico de regras que possibilitem determinar de modo rigoroso quando uma entidade pertence ou não a uma determinada classe. Para isso, a classificação precisa dividir o universo de entidades em “um sistema arbitrário de classes mutuamente exclusivas e não sobrepostas que são organizadas no contexto conceitual estabelecido por um conjunto de princípios definidos” (JACOB, 2004, p. 527-528, tradução livre). Nesse caso, a estabilidade da referência no sistema classificação irá depender diretamente da estabilidade do contexto e do mecanismo de composição das classes ditado pela lógica classificatória.

Considerando-se as questões teóricas de fundo cognitivo, ontológico e linguístico que envolvem as discussões sobre categorização e classificação, pode-se, apressadamente, supor que o tratamento dessas questões no âmbito aplicado dos SOC, interessa apenas aos classificacionistas ou ontologistas. A observação da prática, entretanto, revela que “a maioria dos classificadores ou indexadores, cedo ou tarde, tem necessidade de assumir o papel de classificacionista (BARITÉ ROQUETA, 1999, tradução livre)”, isto é, precisará tomar decisões não previstas no sistema de classificação.

Categorizar um determinado domínio ou um fenômeno específico por meio da aplicação de SOC implica manifestar formalmente um posicionamento em relação às suas configurações epistemológicas. Nesse cenário, as categorias “não constituem dados universais, mas nomeiam agrupamentos feitos de acordo com propósitos institucionais. Resultam, portanto, de um ponto de vista sobre um campo temático determinado” (TÁLAMO; LENZI, 2006). Nesse mesmo sentido, Barité Roqueta (1999) chama atenção para o caráter instrumental ou aplicado que as categorias, desde Aristóteles, possuem como traço implícito.

A descrição mais próxima da exatidão possibilitada pela definição é extremamente relevante como elemento auxiliar, entretanto a categorização deixa de ser uma estrutura definitiva do universo para se tornar um processo de construção de instrumentos para o pensamento, possibilitando agrupamentos momentaneamente úteis por associação. Essa

abordagem é especialmente relevante para compreender os modelos de categorização que os usuários utilizam para expressar suas necessidades de informação (IYER, 1995).

As categorias, assevera Iyer (1995, p. 41, tradução livre) numa proposição que corrobora o caráter pragmático das categorias como fenômeno linguístico, “emprestam estabilidade e ordem ao mundo que percebemos, por meio de sua segmentação”. Desse modo, o mero ato de pensamento implica a formação de categorias, pois, “cada objeto ou ideia que encontramos são automaticamente comparados com outras coisas que conhecemos, na tentativa de compreendê-los de uma forma que seja útil” (IYER, 1995, p. 41, tradução livre). Desse modo, uma caneta, por exemplo, pode ser encarada como um simples objeto cilíndrico, um instrumento utilizado para escrever, um arremedo de instrumento cirúrgico utilizado para uma traqueostomia de emergência, ou até mesmo converter-se numa arma branca utilizada em situações de violência. Para estar-no-mundo – remontando-se ao conceito de *dasein* apresentado por Heidegger (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008) – o indivíduo orienta-se pela compreensão plena do ambiente em que se insere ou em que se encontra e, por essa mesma razão, não pode fixar categorias *ad aeternum*. Assim, sempre que a categorização se torna ela mesma a raiz do desconforto gnosiológico ou epistemológico, é imperativa, para que se preserve a condição de conhecer, sua readequação ou sua substituição, ações que também provocam instabilidades.

Não sendo possível organizar a realidade em grupos cujos membros guardem alguma semelhança entre si, a experiência individual de cada objeto cognoscente seria única e isso tornaria impossível lidar com a variedade e a complexidade. As categorias atuam como elementos de condensação da carga de informação na memória e, com esse expediente, simplificam e facilitam os processos de armazenamento e de recuperação da informação retida.

A presença forte da categorização também se faz sentir na utilização do que talvez seja a forma mais tradicional de definição, aquela que segue o modelo aristotélico clássico apresentando o gênero mais próximo e acrescentando-lhe uma diferença específica, como as que aparecem usualmente nos dicionários. Uma das acepções de “caneta”, por exemplo, disponíveis no iDicionário Aulete, é formulada do seguinte modo: “1. Instrumento para escrever ou desenhar à mão, que tem um tubo de plástico ou de metal que se segura entre os dedos e que contém tinta, e uma ponta ou pena que, ao deslizar sobre a superfície do papel etc., vai aplicando a tinta” (LACERDA, 2020, *on-line*). Nesse caso, “instrumento para escrever ou desenhar à mão” é o gênero próximo, a classe à qual diversos outros instrumentos (categoria)

podem igualmente fazer parte, como o lápis, a lapiseira, o giz e até artefatos digitais como a caneta *touch*, por exemplo. O acréscimo das diferenças específicas, contudo – possuir tubo de plástico ou metal, possuir tinta, possuir ponta – situa a posição do objeto no conjunto e torna mais precisa sua designação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a coleta e análise de dados utilizou-se a técnica da análise de conteúdo (BARDIN, 2003), com definição de categorias de análise *a posteriori*. A análise de conteúdo é organizada em três frases não exatamente sequenciais: 1) pré-análise, compreendendo: leitura flutuante, escolha dos documentos, preparação do material e elaboração dos indicadores; 2) exploração do material, compreendendo a formulação de hipóteses e objetivos; 3) tratamento dos resultados, produção de inferências e interpretação.

O corpus documental, com cobertura de quinze anos (2005-2019), de modo a compreender a literatura recente, foi composto por periódicos em português e em espanhol classificados com Qualis Periódicos A1, quadriênio 2013-2016, na área de avaliação “Comunicação e Informação”. Desse modo foram selecionados os seguintes periódicos: Informação & sociedade: estudos; Investigación bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología y información; Transinformação; Perspectivas em Ciência da Informação.

As buscas foram realizadas com recurso dos mecanismos de busca disponíveis nas páginas dos periódicos e a composição do corpus de análise compreendeu duas fases. Na primeira fase (corpus de análise intermediário “A”), de pré-seleção dos artigos, foram utilizados como estratégia de busca os seguintes termos truncados: “clas*” e “categori*”, observando-se sua ocorrência em qualquer lugar do texto (n=909). Isso permitiu localizar ocorrências em português: classe, classificar, classificação, desclassificação, categoria, categorizar, categorização, e em espanhol: *clase, clasificar, desclasificación, categoría, categorización*.

Na sequência, foram identificados e selecionados os artigos com a ocorrência das expressões de busca nos campos de palavras-chave, título e resumo, obedecendo-se essa ordem sequencial de importância. Para a seleção, foram descartados os artigos com *links* inoperantes, com ocorrência de apenas uma das expressões de busca de modo isolado nos resumos e aqueles sem ocorrência do termo de busca nos campos especificados.

Após leitura flutuante do material restante e análise da unidade de contexto, conforme requer a análise de conteúdo, foram selecionados 28 artigos para a composição do corpus

intermediário de análise, isto é, o conjunto de textos potencialmente relevantes para a análise proposta (Tabela 2).

Tabela 2 - Composição do corpus de análise intermediário “A”

Periódico	Artigos recuperados	
	descartados	selecionados
Informação & sociedade: estudos	142	5
Investigación bibliotecológica: achivonomía, bibliotecología y información	503	2
Perspectivas em Ciência da Informação	163	12
Transinformação	73	9
Total	881	28

Fonte: Elaborada pelo autor

Para maior refinamento do corpus de análise intermediário, foi aplicada uma escala de ranqueamento dos artigos recuperados (Quadro 1). A escala respeitou o campo de ocorrência das expressões de busca e assentou-se no pressuposto de que os responsáveis pela indicação dos elementos no artigo têm conhecimento de que as escolhas lexicais que fazem para representar os conteúdos dos trabalhos e o campo no texto em que aparecem são significativos. Assim, acredita-se que o campo de palavras-chave recebe as expressões mais aderentes ao conteúdo, aquelas que são utilizadas como descritores. O título, uma espécie de “super-resumo”, é mais preciso do que o resumo propriamente dito, sendo este o último elemento na ordem de relevância definida na escala.

Quadro 1 – Escala para pontuação e ranqueamento dos artigos recuperados

Campo de ocorrência da expressão de busca	pontuação
Palavras-chave, título e resumo	6
Palavras-chave e título	5
Palavras-chave e resumo	4
Título e resumo	3
Palavras-chave	3
Título	2
Resumo	1

Fonte: Elaborado pelo autor

Deste modo, para a composição do corpus final de análise, foram selecionados os artigos que obtiveram pontuação igual ou superior à média aritmética simples no conjunto total (Quadro 2).

Quadro 2 – Corpus de análise final “B”

Referência	Pontuação
Brulon (2015)	10
Marcondes (2019); Moura; Caregnato (2010); Campos; Gomes (2006)	7
Krebs; Laipelt (2018); Ferreira; Maculan; Naves (2017); Meireles; Cendón; Almeida (2016); Santini (2013); Alvarez Alvarez; Galeano Martínez; Parra Acosta (2012); Pontes; Lima (2012); Schafer; Lima (2012); García Gutierrez (2011); Lima (2010); Rios; Cordeiro (2010); Momm; Lessa (2009); Martinez; Guimarães (2008)	6

Fonte: Elaborado pelo autor

4 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS E INFERÊNCIAS

As unidades de contexto foram construídas pela observação do tratamento dado aos temas principais e secundários apresentados nos artigos. A palavra “classificação”, por exemplo, mesmo em um texto especializado em classificação bibliográfica, pode ser empregada no sentido de ato de classificar, de sistema de classificação, de notação de classificação etc. Unidades de contexto não conectadas com os objetivos da pesquisa foram desconsideradas.

Para os fins da aplicação da análise de conteúdo, os dezesseis artigos que compuseram o corpus final de análise foram agrupados nas seguintes categorias apresentadas no Quadro 3, que também apresenta as denominações e os escopos das categorias de análise.

Quadro 3 – Distribuição dos artigos analisados em categorias de análise

Categoria	Descrição	Artigos
Definições	Apresentação de definições e/ou discussões sobre os conceitos de classificação e categorização	Álvarez Álvarez; Galeano Martínez; Parra Acosta (2012); Campos; Gomes (2006); Ferreira; Maculan; Naves (2017); Krebs; Laipelt (2018); Lima (2010); Schafer; Lima (2012)
Identificação	Os conceitos de classificação ou categorização como algo que identifica, que confere identidade, a um determinado objeto ou conceito	Brulon (2018); Pontes; Lima (2012)
Natureza	Explicações sobre a constituição e a utilização da classificação e da categorização, incluindo-se o seu emprego como elementos de poder	Brulon (2018); Ferreira; Maculan; Naves (2017); García Gutierrez (2011); Lima (2010); Meireles; Cendón; Almeida (2016) Moura; Caregnato (2010)
Macrocategorias	Discussões sobre a definição de macrocategorias em SOC	Campos; Gomes (2006); Marcondes (2019); Martinez; Guimarães (2008); Pontes; Lima (2012)

Fonte: Elaborado pelo autor

A produção de inferências a partir do agrupamento das unidades de registro e unidades de contexto (BARDIN, 2003) foi realizada com a abordagem isolada de cada uma das categorias de análise definidas. Ateve-se aos discursos dos autores dos artigos em análise na recolha das

unidades de registros e na composição das unidades de contexto. Quando se tratava de citações diretas ou indiretas, buscou-se na unidade de contexto a interpretação do autor do artigo analisado, isto é, sua glosa em relação à fala de outrem no seu texto.

Cabe também destacar que as inferências resultantes da análise focam as inter-relações entre os conceitos de “categoria” e de “classificação” e os SOC. Considerando-se essa perspectiva e a função teórico-aplicada dos SOC, os conceitos de “organização do conhecimento” como área e como processo são contemplados por associação.

4.1 Definições

Classificar e categorizar são processos bastante similares. Assim, algumas definições do que seja categorizar como ação de “agrupar entidades (objetos, ideias, ações, etc.) por semelhança” (LIMA, 2010, p. 109) podem ser aplicadas igualmente ao ato de classificar. Assim, o que diferencia fundamentalmente uma categoria de uma classe é o ângulo ou a profundidade de abordagem do conceito aglutinador. Há quase uma relação hierárquica entre os dois conceitos, pois “classe” representa alguma coisa mais específica do que “categoria”, sendo esta aplicada a conceitos mais generalizantes. Essa constatação pode ser destacada a partir de definições de categorização como “processo cognitivo de dividir o mundo da experiência humana em grupos gerais ou categorias amplas [...]” (CAMPOS; GOMES, 2006, p. 355).

Considerando-se que na relação “gênero-espécie” o *valor* dos elementos é definido nas suas relações, o ponto exato em que algo deixa de ser classe para se tornar categoria, imaginando-se um improvável exercício de conversão, só é identificado na práxis dos objetivos da construção dos SOC. Categorias e classes, não é demais repetir, são conceitos instrumentais.

Referindo-se de modo específico à sua aplicação pela arquivologia, a classificação é identificada como operação em que os documentos que compõem um conjunto específico são separados e reagrupados para que formem um conjunto orgânico (ÁLVAREZ ÁLVAREZ; GALEANO MARTÍNEZ; PARRA ACOSTA, 2012). Assim, a classificação também pode ser vista como elemento que dá visibilidade ao contexto original de produção de documentos, identificando as funções, subfunções e atividades do organismo produtor (SCHAFER; LIMA, 2012, p. 141).

Quando se fala sobre os conceitos “classificação” e “categorização”, é preciso considerar que não há apenas uma teoria da classificação ou da categorização. A teoria da classificação precisa ser dividida entre um antes e um depois da abordagem facetada, a partir dos trabalhos

de pioneiros como Ranganathan, Bliss e os membros do Classification Research Group. A teoria das categorias, por sua vez, precisa ser analisada pelos prismas clássico e moderno, principalmente a partir dos trabalhos de Eleanor Rosch e sua teoria do protótipo (ROSCH, 1978). Dentre os trabalhos analisados nesta pesquisa, destacam-se tais preocupações em Lima (2010).

Considerando-se o aspecto da instrumentalidade, o conceito de organização do conhecimento também tangencia os conceitos relativos às ações de categorização e de classificação. Afirmar, portanto, que a categorização é um processo que tem por base “a análise do conceito e de suas características para o estabelecimento da posição que cada conceito ocupa num determinado domínio, bem como das suas relações com os demais conceitos que compõem esse sistema nocional” não seria exatamente um erro, embora essa definição se refira ao conceito de organização do conhecimento utilizado por Krebs e Laipelt (2018, p. 82).

Outra característica bastante presente nas discussões sobre o conceito de categoria, mais do que nas discussões sobre classificação, é sua vinculação com a linguística, especialmente com a linguística cognitiva. A categorização, como afirmam Krebs e Laipelt (2018, p. 84), “é um fator básico para a sobrevivência”. Além do mais, a categorização viabiliza a comunicação, pois observar um objeto como categoria e não como indivíduo isolado é uma das capacidades que possibilita falar ou escrever sobre ele.

4.2 Identificação

Sob esta categoria de análise são aninhadas as unidades de contexto que abordam a faculdade de conferir identidade a um determinado objeto ou conceito por meio da sua inserção em um determinado sistema conceitual.

Pode-se ler em Brulon (2018, p. 25), em artigo a respeito do enquadramento anacrônico dos objetos de museu: “uma coisa se torna objeto na medida em que se insere em um sistema classificatório específico”. A categoria, por esse processo, assume deliberadamente a função performativa da linguagem e faz existir o que anuncia. Os museus, por exemplo, “foram responsáveis não apenas por criar nomenclaturas ou categorias classificatórias no seio das instituições, como também eram elas que criavam os próprios objetos de museu ao nomeá-los e classificá-los” (BRULON (2018, p. 27).

4.3 Natureza

Nesta categoria são discutidas as explicações sobre a natureza, função e uso da classificação e da categorização. As unidades de contexto foram agrupadas em dois eixos: a)

classificação/categorização como fenômeno cognitivo e social e b) classificação/categorização como exercícios de poder.

A inserção da barra oblíqua como elemento que une os conceitos de classificação e categorização foi a solução encontrada para evidenciar que observados pelo prisma de suas naturezas, ambos os conceitos chegam ao ponto de se confundirem. Nas unidades de contexto analisadas na sequência, as declarações, mesmo quando os autores optam por um determinado termo, podem ser aplicadas a ambos.

4.3.1 Classificação/categorização como fenômeno cognitivo e social

A categorização é descrita como um processo cognitivo de organizar as experiências em grupos de entidades (categorias) visando a proposição de uma ordem na relação com o mundo. Esse processo facilita, pela simplificação, a interação, o armazenamento e a recuperação da informação (LIMA, 2010).

A classificação/categorização, sendo um fenômeno cognitivo mas também social e, até certo ponto, discricionário, precisa de revisões constantes para dar conta da dinamicidade dos domínios, de modo geral. Há que se considerar sempre a arbitrariedade das classificações, isto é, os modelos de organização do conhecimento assumidos pela classificação/categorização são facultativos, mesmo que sejam as escolhas de outrem, reguladas pelas relações de poder.

O caráter de simplicidade que se almeja alcançar com as categorias não torna o objeto da categorização necessariamente simples, trata-se de um recurso para a compreensão, uma simplificação do processo que não desvenda, por isso mesmo, toda a complexidade.

4.3.2 Classificação/categorização como exercício de poder

As classificações/categorizações atuam também como instrumentos de regulação. Uma manifestação das “disputas intelectuais” (BRULON, 2018) aparece no artigo que analisa a interação entre a ciência e a tecnologia pela perspectiva cientométrica da co-classificação (MOURA; CAREGNATO, 2010, p. 120), que destaca a desconexão entre as classificações de publicações e de patentes, sendo as classificações de patentes “fortemente codificadas pelos escritórios de patentes, através de [...] nomenclaturas oficiais”.

Em contexto mais amplo, que inclui as questões trazidas pela cultura digital, García Gutierrez (2011) destaca a vulnerabilidade das culturas não contempladas pelas classificações dominantes, ditadas pela nova ordem tecnológica e reforçadas pelo modelo de organização do conhecimento que se pratica. Assim, defende a desconstrução da lógica classificatória vigente e

sua revisão por meio do conceito de “desclassificação”. Ao contrário do que pode fazer supor o prefixo “des”, desclassificar não é negar a classificação, mas “envolve a suposição metacognitiva de uma lógica diferente, plural e não essencialista” oferecendo condições para a construção de um “pensamento antidogmático” (GARCÍA GUTIERREZ, 2011, p. 11).

Longe das concepções restritivas de classificação reguladas pela alocação física de livros por intermédio de um sistema de classificação, é preciso atentar para a ideologia subjacente à classificação. O ato de classificar/categorizar “não é governado apenas por um conjunto de regras organizacionais explícitas, mas também por padrões cognitivos, inconscientes e automáticos de comportamento, ligados à ideologia, cultura, identidade e memória que limitam o pluralismo e a interpretação” (GARCÍA GUTIERREZ, 2011, p. 6).

Há que se repensar, portanto, a perspectiva de formação, incluindo a educação continuada, do classificador. Pode-se constatar, portanto, que políticas de classificação bem elaboradas e sistemas de classificação adequados aos objetivos institucionais são condições necessárias, mas não são suficientes para a produção de classificações/categorizações que alcancem a complexidade.

4.4 Macrocategorias e sua função nos SOC

Em referência às categorias presentes em um sistema de classificação de objetos museológicos Marcondes (2019 p. 105) coloca com uma das perguntas que orientaram sua pesquisa a seguinte: “Existe uma categoria ou categorias que incorpore todas ou algumas dessas categorias?”. Essa é uma questão ontológica que corrobora a discussão sobre as macrocategorias. No texto citado, a discussão é assentada, como se pode depreender pelo referencial teórico utilizado, na teoria das ontologias, o que justifica, de certo modo, a busca pela categoria que poderia subsumir todas as outras. Nas ontologias computacionais, não raramente a categoria “coisa” tem sido utilizada para desempenhar esse papel. Essa categoria máxima, na proposta do autor citado é a de “objeto museológico”.

Há alguns trabalhos que manifestam maior preocupação com as questões mais aplicadas relativas à confluência das discussões sobre categorias e construção de SOC, especificamente sobre a abordagem facetada aplicada a tais instrumentos, embora se refiram, de modo geral, aos tesouros. Nesse conjunto inserem-se: Campos, Gomes (2006); Rios; Cordeiro (2010); Pontes; Lima (2012); Ferreira; Maculan; Naves (2017) e Marcondes (2019). Todos esses artigos preocupam-se com a apresentação de um modelo metodológico para a construção de tesouro

fundamentado na abordagem facetada orientada pelo uso de categorias. Nesse sentido, convertem-se também em importantes manuais.

A tarefa de construção de um SOC é extremamente complexa em sua concepção e execução, envolvendo relações de complementaridade entre metodologias dedutivas e indutivas. Iniciando-se o processo pela organização das macrocategorias, a organização dos conceitos tende a ser mais consistente, pois seguirá um princípio ordenador lógico. Em procedimento complementar inverso, contudo, a inserção dos termos que formarão o vocabulário do SOC irá requerer, necessariamente, análise e, se necessário, adequação à estrutura de categorias.

Quando fazem referências a entidades concretas, categorias são noções abstratas, generalizantes, que permitem identificar e agrupar conjuntos de regularidades identificáveis. Os conceitos são agrupados em função de características ou propriedades gerais que os aproximam, assim o grau de proximidade entre as características ou propriedades das categorias e das classes será revelador do sistema conceitual, isto é, do nível de relações conceituais que poderão ou deverão ser estabelecidos entre os conceitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa trouxe como principal contribuição a sistematização de alguns avanços teórico-aplicados em relação à compreensão mais precisa dos conceitos de “categoria” e de “classe” e de suas aplicações na construção de SOC. A proposta da pesquisa tomou como pressuposto a importância capital da estrutura classificatória para tais sistemas, tanto em relação à estruturação dos conceitos (áreas, disciplinas, fenômenos, gêneros, espécies, instâncias etc.) quanto no que diz respeito às relações que conectam os conceitos, isto é, as relações conceituais.

Embora não haja diferenças significativas entre os conceitos de categoria e de classe, é possível caracterizá-los pela maior amplitude semântica do primeiro em relação ao segundo. A categoria possui um maior grau de generalidade do que a classe, assim, é mais comum a inclusão da classe como componente das categorias do que o contrário. Fora do âmbito mais específico da ciência da informação e da ciência da computação, como na linguística cognitiva e na filosofia, observou-se que o termo categoria é mais utilizado, o que diminui a ambiguidade.

Um aspecto que merece destaque no conjunto de dados analisados e no referencial teórico construído é atenção aos componentes ideológicos que conectam a classificação ao

exercício do poder pela burocracia. É preciso deixar cada vez mais clara a arbitrariedade das classificações e é preciso desenvolver mecanismos que revelem explicitamente a lógica classificatória que as sustenta, além de torná-las mais representativas pelo respeito aos múltiplos pontos de vista regulados pela ética.

Acredita-se que a adoção da abordagem facetada e a concepção de sistemas de classificação menos centrados em disciplinas e mais orientados aos fenômenos possam ser importantes aliados na revisão do modelo tradicional de classificação. A abordagem facetada confirma-se como uma metodologia interessante nesse aspecto.

O avanço das discussões sobre categorização e classificação na organização do conhecimento, por fim, ainda demanda aprofundamentos na interface teórica com outras áreas que também focam as categorias como objetos de estudo, notadamente a linguística, a semiótica, a linguística cognitiva, a terminologia e filosofia e a lógica.

Na continuidade da pesquisa, espera-se que a compreensão teórico-aplicada alcançada possa se desdobrar em material de caráter didático que reforce o caráter fundamental da teoria da classificação, em sentido amplo, para a organização de sistemas conceituais em SOC.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ ÁLVAREZ, M. J.; GALEANO MARTÍNEZ, P. I.; PARRA ACOSTA, J. A. Sistema de classificação de arquivos em órgãos de fiscalização e controle da Colômbia. Belo Horizonte, **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 17, n. 2, p. 179-200, abr./jun., 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2003.

BARITÉ ROQUETA, M. G. La noción de categoría y sus implicancias en la construcción y evaluación de lenguajes documentales. In: LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, M. J.; FERNÁNDEZ-MOLINA, J. C. **La representación y la organización del conocimiento en sus distintas perspectivas**: su influencia en la recuperación de la información: actas del IV Congreso ISKO-España EOCONSID'99, 22-24 de abril de 1999, Granada. Universidad de Granada, 1999.

BROUGHTON, V. *et al.* Knowledge organization. In: KAJBERG, L.; LORRING, L. (Eds.). **European curriculum reflections on library and information science education**. Copenhagen: The Royal School of Library and Information Science, 2005. p. 133-148.

BRULON, B. Os objetos de museu, entre a classificação e o devir. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 25-37, jan./abr. 2015.

CAMPOS, M. L. A.; GOMES, H. E. Metodologia de elaboração de tesauro conceitual: a categorização como princípio norteador. Belo Horizonte, **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 11, n. 3, p. 348-359, set./dez. 2006.

FERREIRA, A. C.; MACULAN, B. C. M. S.; NAVES, M. M. L. Ranganathan and the faceted classification theory. Campinas, **Transinformação**, v. 29, n. 3, p. 279-295, set./dez. 2017.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Desclassification in knowledge organization: a post-epistemological essay. Campinas, **Transinformação**, v. 23, n. 1, p. 5-14, jan./abr. 2011.

IYER, H. **Classificatory structures**: concepts, relation and representation. Frankfurt: Indeks Verlag, 1995.

JACOB, E. K. Classification and categorization: a difference that makes a difference. **Library Trends**, v. 52, n. 3, p. 515-540, winter 2004.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

KREBS, L. M.; LAIPELT, R. C. F. Teorias da linguística cognitiva para pensar a categorização no âmbito da Ciência da Informação, Campinas, **Transinformação**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 81-93, jan./abr., 2018.

LACERDA, C. A. (Ed.) **iDicionário Aulete**. [s.l.]: Lexicon Editora Digital, 2020. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em: 27 jul. 2020. [verbete: caneta]

LIMA, G. A. B. O. Modelos de categorização: apresentando o modelo clássico e o modelo de protótipos. Belo Horizonte, **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, p. 108-122, maio/ago. 2010.

MARCONDES, C. H. Proposta de uma classificação geral de objetos museológicos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p.103-123, abr./jun. 2019.

MARTINEZ, M. L. C.; GUIMARÃES, J. A. C. Organização temática da doutrina jurídica: elementos metodológicos para uma proposta de extensão da Classificação Decimal de Direito. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 18, n. 1, p. 67-77, jan./abr. 2008.

MAZZOCCHI, F. Knowledge organization systems (KOS): an introductory critical account. **Knowledge Organization**, v. 45, n. 1, p. 54-78, 2018.

MEIRELES, M. R.; CENDÓN, B. V.; ALMEIDA, P. E. M. Comparação do processo de categorização de documentos utilizando palavras-chaves e citações em um domínio de conhecimento restrito. Campinas, **Transinformação**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 87-96, jan./abr., 2016

MOMM, C. F.; LESSA, R. O. Sistema de classificação bibliográfica e a conceituação do turismo: uma visão da CDU. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 141-154, maio/ago. 2009.

MOREIRA, W. Relações conceituais como elementos constitutivos essenciais dos sistemas de organização do conhecimento. **Informação & Informação**, Londrina, v. 24, n. 2, p. 1-30, maio/ago. 2019.

MOURA, A. M.; CAREGNATO, S. E. Co-classificação entre artigos e patentes: um estudo da interação entre C&T na biotecnologia brasileira. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 20, n. 2, p. 119-132, maio/ago. 2010.

PONTES, F. V.; LIMA, G. A. B. O. A organização do conhecimento em ambientes digitais: aplicação da teoria da classificação facetada. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 18-40, out./dez. 2012.

RIOS, E. R.; CORDEIRO, R. I. N. Plano de classificação de documentos arquivísticos e a teoria da classificação: uma interlocução entre domínios do conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 123-139, maio/ago. 2010.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E; LLOYD, B. B. (Eds.). **Cognition and categorization**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1978. p. 27-48.

SANTINI, R. M. As dimensões sociais dos gêneros musicais: porque os sistemas de classificação comercial e não comercial variam. **Transinformação**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 101-110, maio/ago., 2013.

SCHAFER, M. B.; LIMA, E. S. A classificação e a avaliação de documentos: análise de sua aplicação em um sistema de gestão de documentos arquivísticos digitais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 137-154, jul./set. 2012

TÁLAMO, M. F. G. M.; LENZI, L. A. F. Terminologia e documentação: a relação solidária das organizações do conhecimento e da informação no domínio da inovação tecnológica. **DataGramZero**, v. 7, n. 4, 2006.